

ISSN: 2176-5960



**HISTORIOBIOGRAFIA:  
TEORIA E MÉTODO TERAPÊUTICO-EDUCATIVO  
ENTREVISTA COM DULCE CRITELLI**

**Everaldo dos Santos Mendes<sup>1</sup>**  
**Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)**  
**Centro de Investigações em Edith Stein (CIES) da**  
**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)**  
**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

**Luciana Kind do Nascimento<sup>2</sup>**  
**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)**

Dulce Mara Critelli é doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC-SP. Na condição de Professora Titular, integra o Departamento de Filosofia da PUC-SP, onde desenvolve estudos e investigações filosóficas orientadas pela fenomenologia existencial, com foco no modo de conceber de fazer filosofia de Hannah Arendt e Martin Heidegger, junto ao Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia, desenvolvendo estudos e pesquisas orientados pela fenomenologia existencial, com foco no modo de conceber e de fazer filosofia de Sócrates, Hannah Arendt e Martin Heidegger. Dedicar-se a interligar psicologia, educação, filosofia política, ética, epistemologia e filosofia do cotidiano. No ano de 2002, fundou o Centro de Orientação e Estudos da Condição Humana — Existência, onde atua como coordenadora e desenvolve atividades que adotam a filosofia como ferramenta para processos terapêutico-educativos, por meio da criação de uma metodologia particular: a Historiobiografia.

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas [e Universidade de Coimbra — UC]. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio [e Universidade de Lisboa — UL]. Professor do Magistério Superior da Universidade Federal do Amapá — UNIFAP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUCRS. Bolsista CAPES/BRASIL. E-mail: mendes.sefaradi@unifap.br.

<sup>2</sup> Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ. Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas. E-mail: lukind@gmail.com.

No Programa de Pós-graduação em Psicologia — PPGPsi da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais — PUC Minas, perguntamo-nos: Que é isto — a Historiobiografia, de Dulce Mara Critelli? Na obra intitulada “História pessoal e sentido da vida — historiobiografia”, Dulce Mara Critelli assim define: “a Historiobiografia é uma abordagem terapêutico-educativa que tem por intenção a redescoberta do sentido da vida através da compreensão da história pessoal” (Critelli, 2016, p. 12).

**Luciana Kind:** Dulce, agradeço-lhe muito pela sua disponibilidade de estar conosco! Para nós, grupo de pesquisa Narrativas, Gênero e Saúde — NaGeS, é uma alegria entrevistá-la — um orgulho! Nosso grupo se interessa por possibilidades de compreender — eu tenho brincado “de colecionar” — histórias e vendo, especialmente, “Se eu tivesse nascido pronta, não teria conserto”; que coleção fantástica de histórias! Evero [Everaldo Mendes] me apresentou, inicialmente, a “História pessoal e sentido da vida — historiobiografia”, a gente tem conversado um pouco sobre a sua proposta, e a ideia é a gente conversar contigo; conhecer como essa proposta foi construída, claro a gente leu o livro, eu estou aqui muito movida com as datas, com os causos! Gente, logo na abertura você apresenta Heidegger e seu encontro com ele! Eu prometi que iria te contar esta vinheta: eu fiz doutorado no Instituto de Medicina Social e a gente tinha um grupo de estudos lá em torno do Jurandir, Benito Bezerra e Francisco Ortega, que foi meu orientador, e num semestre nosso grupo leu “Seminários de Zollikon”. Talvez, este seja um primeiro elemento da história; ela nos conecta! Você fala disto também! Enfim, penso que este pode ser um disparador; não sei se Evero gostaria de propor também um disparador, ou se a gente vai seguindo a sua contação de histórias para a gente.

**Everaldo Mendes:** Para iniciar, eu quero cumprimentar a Dra. Dulce Critelli, pois a tenho como “mestra”, pedindo-lhe licença poética para começar este diálogo com uma narrativa que chegou até nós por meio do grande mestre Homero:

O herói plurissolerte disse-lhe em resposta:  
“Alcínoo insigne, magno soberano, é belo  
ouvir cantor da magnitude do aqui  
presente, ícone de um deus no tom de voz.  
Permito-me dizer não existir prazer  
maior que ver o júbilo tomando conta  
das gentes, os convivas escutando o bardo  
na sala, cada qual na própria sédia, a mesa  
plena de pães e viandas, o escanção vertendo  
o vinho da cratera sobre a taça: nada  
se me afigura à ânima tão deleitável!  
Teu coração, voltado para mim, demanda-me  
a agrura que sofri para agravar-me o pranto?  
Começo pelo início ou pelo fim? [...]” (Homero, **Odisseia**, IX).

Bem-vinda, Dra. Dulce Critelli!

**Dulce Critelli:** Eu que tenho que agradecer muito por esse convite! É um prazer conversar com vocês e ser recepcionada por essas duas vertentes tão interessantes: uma história pessoal e um relato que você nos traz — um maravilhoso poema, de Homero! E que é importante; ele gravava histórias, os feitos e as narrativas dos grandes homens para que não se perdessem. Hannah Arendt fala muito disso. Ele... Como nós mudamos a nossa percepção, hoje, de contar história, porque, do ponto de vista até da história humana, da história pessoal; não da história particular pessoal, mas da história da nossa humanidade, porque pela modernidade nós viemos substituindo os sujeitos agentes por um grande anônimo, que é a humanidade. Interessam-nos os acontecimentos como se eles contivessem os homens — e não os homens os estivessem realizando. Então, penso que isso é um bom começo para a gente pensar, porque uma história tem um agente; ela tem um personagem que é central em cada história e cada um de nós é central na sua história. Mas isto tudo só para agradecer esta recepção e o contato com vocês! Achei muito interessante quando recebi o convite, de perceber que existe na PUC Minas esse departamento tão voltado a essa questão da narrativa, à questão das histórias. Acho muito bom! Estou aqui, à vontade. Vamos lá, para esta conversa!

**Luciana Kind:** Ai, Dulce, muito bom! Eu queria começar do começo ou começamos do fim, já [risos], como provocado por Evero? Porque eu estou aqui para te ouvir um pouco... como você aborda no livro sobre historiobiografia..., essa conexão para uma terapêutica, uma filosofia prática que vai apostar na história; um encontro de práticas e de reflexão..., que se nomeia aqui como Historiobiografia. E estou muito curiosa também sobre essa aproximação do pensar..., que tem esse elemento que te conduz, pelo que você disse atualmente. Mas, eu vou te deixar contar por onde você quiser, se pelo início ou pelo fim, a gente depois constrói o meio.

**Dulce Critelli:** A minha origem é a filosofia. E a filosofia, você sabe..., do ponto de vista acadêmico, do ponto de vista da comparação com outros saberes, ela é entendida como o pensamento — o pensamento do pensamento. Pessoalmente, penso que não existe um filósofo que não tente entender *o que é o ser, o que é a verdade, o que é o pensar a verdade do ser*, que também é uma questão..., uma fala que em si mesma não diz nada! Mas, é isso mesmo! Pensar a vida... é abrir possibilidades de compreendê-la! No caso da filosofia, o que se tematiza é *como se compreende essa vida, como se pensa essa vida*. Temos filósofos e filósofos... e nesse caso, sobretudo focando já a questão da Historiobiografia, o que me toca mesmo é o pensamento de Sócrates, de Heidegger e, finalmente, de Hannah Arendt, como se Hannah Arendt viesse dar para mim uma espécie de um acabamento que me permitisse

construir uma espécie de uma lente para eu olhar para a realidade. Não é a única lente, tampouco a melhor das lentes, mas é a lente que faz sentido para mim. Penso que é por aí um pouco do que permite entender a construção da Historiobiografia, que é usar a filosofia naquilo que ela tem de mais peculiar através, sobretudo, desses filósofos nomeados para que a gente possa, digamos assim, encontrar o sentido de viver — o sentido da vida. Penso que o trabalho terapêutico que pode se empreender por meio da filosofia não tem a ver mesmo com essa questão nem da loucura, nem da doença, na compreensão de uma estrutura psicológica dos indivíduos. Mas é essa tentativa de entender isso que, para todos nós, é tão importante; é uma escavação; é uma busca do sentido. Parece-me que uma das frases que mais tenho repetido ultimamente é: *ninguém consegue viver uma vida que não faça sentido!* Experiências como essa da pandemia de Covid-19 e várias outras coisas que nós temos vivido aqui no nosso país conduziram-nos a indagar o sentido desse tipo de coisa. E quando a gente não encontra esse sentido, a gente não consegue agir. Nós cedemos demais, aos eventos, às determinações dos outros, a tudo..., porque o que nós precisamos é de encontrar sentido; e não só para os grandes eventos, eu digo: para o dia a dia. Se você não sabe porque está pegando um copo no armário, dirigindo-se ao filtro, sei lá, para buscar água, se você não souber isso, você não sabe o que fazer. Você fica com o copo na mão..., perdido, sem rumo. Compreendo que isso é, digamos assim, o Norte: tentar usar o pensar não como um conhecimento científico, não como alguma coisa técnica, mas como essa arte de conseguir compreender o sentido dos eventos, da vida, dos nossos projetos, do nosso passado. Essa é a busca! É buscando, entrando, usando esse pensamento, essa formulação mais filosófica do pensamento de Hannah Arendt para ganhar uma iluminação. Não é um instrumento de trabalho; é um iluminador, o que concebo como o mais importante, para a gente conseguir compreender o que a história dos outros nos conta, porque se eu já vou com uma... um instrumento interpretativo dessa situação, eu não ouço a história. Eu faço a história caber no meu modelo — e não é bem isso o que interessa à Historiobiografia. Para começo de conversa, isso está bom... ou você quer fazer outra questão... não sei o que...?

**Luciana Kind:** Eu vou reagir... Outra coisa que me provocou muita conexão é que a minha primeira leitura de Hannah Arendt também foi “A condição humana” [risos]. Há algum tempo, ministrei um componente curricular no PPGPsi da PUC Minas. Tentei estudar bastante Hannah Arendt! Talvez, minha filósofa predileta, assim olhando para esses grandes nomes, em muitos aspectos, movida por esse movimento diferente dela e de Martin Heidegger na apropriação da fenomenologia pela ação. E aí eu queria te ouvir um pouco, porque também, se entendi corretamente, a própria dimensão da Historiobiografia não se trata da fixação de

uma biografia, mas de um movimento possível — movimento reflexivo — e aí eu queria entender um pouco melhor essa conexão com a ação em Hannah Arendt.

**Dulce Critelli:** Penso que a grande lente que ela pode trazer para esses eventos e compreender isso que você está nomeando aqui, trazendo para a gente conversar... é o fato de que Hannah Arendt, embora não tenha sistematizado bem isso, olha para a realidade através de uma compreensão do homem, que ela, digamos assim, organiza nessas sete grandes condições: a terra, como uma condição humana em que a gente não pode existir... imagina se a gente tivesse nascido em Marte ou em qualquer outro planeta, certamente seríamos... pessoas, criaturas diferentes. E entre as condições, essas sete condições, uma delas é a... São duas, que eu quero chamar atenção, que para ela também, talvez, sejam as duas prioridades. Uma é a pluralidade, segundo a qual ela menciona que a vida é dada ao homem para ser vivida em conjunto. De fato, não que nós existamos... Nós somos indivíduos particulares, mas o nosso existir é todo tecido junto com os outros. Eu não tenho uma vida pessoal absolutamente solitária, independente, autônoma em relação aos outros. Eu sou quem sou por causa da relação com os outros — e com essa relação com o mundo. E, em segundo lugar, essa condição humana que ela chama de natalidade, que é o fato de, apesar da vida ter sido dada em conjunto, cada um de nós é uma novidade dentro desse mundo, porque nós portamos a possibilidade da iniciativa, de iniciar novas cadeias de relação... e tudo mais... Mas isso não é uma coisa que acontece espontaneamente; ela acontece sempre no mundo em que nós vivemos. Então, ela está sempre numa relação com aquilo que... se apresenta para nós. Uma das questões que me apareceu é: viver uma vida em conjunto, sendo uma novidade, não é uma coisa fácil; é uma coisa complicada, porque é junto com os outros que a gente vai tecendo essas interpretações, esse conjunto de sentidos que a vida nos traz, prontos, a maioria deles, mas a gente tem que agir em conexão com eles. No fundo, toda nossa existência é uma existência que tem que lidar com os eventos que nos chegam. Então, onde estou eu? Quem sou eu? Hannah Arendt informa — em vários textos — que a gente nunca pode dizer quem um homem é; só quem um homem foi, porque só a morte encerraria uma biografia. Desse modo, essa biografia está sendo traçada pelas minhas ações, pelas minhas palavras... e o que eu me entendo com ela, mais do que aquilo que eu pronuncio ou que eu faço é o alcance dos meus gestos e das minhas palavras. Então, a ação... ela é entendida nesse conjunto. O meu gesto hoje... ele pode surtir efeito por milhares de anos. Sei lá, Cristo morreu na cruz e o cristianismo vai se reformulando, refazendo, mas o alcance daquele gesto... ele toca as pessoas de uma forma diferente; e com a sua novidade, iniciativa e diferença vão representando, reorganizando essas possibilidades. Com isso, eu quero dizer: o nosso ato, a

nossa palavra, não é aquela que eu digo, mas é também aquela que o outro ouve; é o gesto, é aquilo que o outro recebe. Então, eu estou entre nós. Essa percepção de que alguém existe, de quem sou eu... ele não é um eu isolado. Ele é um eu que eu conheço, mas é um eu que também o outro conhece — e que eu não tenho acesso. É quase como se criasse aí uma terceira possibilidade; uma terceira pessoa. Só que essa percepção de quem eu sou, de como outro me vê, do que eu quis fazer, de qual a minha intenção, não é uma coisa isolada em cada momento, mas ela está distribuída ao longo da minha história. Às vezes, o meu ato... ele é resultado da minha história. Então, essa história está espalhada. Perguntam assim: quem é o meu eu? Qual é a minha personalidade? Isso é uma coisa muito difícil de apanhar! Porque o que eu entendo — e eu acho que ela me ajudou muito a compreender isso — é que o meu eu está espalhado na minha história. O meu eu, a minha identidade, se confunde com a minha história. Mas não simplesmente a história que eu fiz, eu vou repetir. É a história que o outro percebeu, entendeu e compreendeu. Eu fico pensando num evento que a própria Hannah Arendt cita, tirado lá da “Odisseia”, em que ela lembra que Ulisses — um grande rei grego — estava, dentro das suas aventuras, tentando voltar para Ítaca, passa pelo palácio do Rei dos Feácios. Só que o Rei dos Feácios era assim um... Hoje, a palavra seria um “grande fã”, admirador de Ulisses. E ele fica tão feliz por Ulisses estar lá naquela região que o convida para um banquete. Ulisses aceita o convite. Durante o banquete, o rei pede para um bardo cantar a história de Ulisses. No meio do jantar, o bardo começa a cantar, interligando os eventos da existência de Ulisses. Ele vai chamando atenção para os feitos de Ulisses. E, ao cantar, ele junta esses fatos, trazendo à tona o sentido desses atos. Hannah Arendt conta que Ulisses começa a chorar copiosamente e ter uma catarse, porque tudo aquilo que ele próprio teria feito, para ele, não passava de uma mera ocorrência. Entretanto, ao ouvir cantado assim na boca do bardo, com um sentido, dando uma finalidade e uma fisionomia para os seus atos, Ulisses, pela primeira vez, entende quem ele tinha sido. E é isso, eu penso que nessa conjuntura toda, a história de vida, a história dos meus atos, a percepção do outro e tudo, tudo se junta no que eu vou chamar numa história mesma, numa narrativa de um eu. Uma narrativa que não é unilateral, como a gente já disse, porque depende de como o outro me vê, o outro me recebe, mas ela é uma narrativa. Eu vejo que os meus alunos, as pessoas que chegam no meu consultório, por exemplo, eu fico prestando muita atenção para entender qual é a narrativa que elas têm de si mesmas, porque a gente não percebe o quanto nós somos moradores de uma narrativa que, sem perceber, distraidamente, a gente vai construindo, que vai acolhendo o personagem que nós somos, os nossos interesses, a coleção das nossas mágoas e dos nossos sucessos. Mas nós vamos construindo. Ele não é perceptível, assim. Ele

não é tão dizível, se puder usar esta expressão, mas está lá! É uma história! Quando uma pessoa consegue, muito grosso modo falando, compreender a sua história e como ela a realizou, que dizer, ela entende que isso estava acontecendo... Quando ela entende isso, ela consegue mudar a sua vida. É aí eu percebo que entra a questão da ação. Ela muda sua vida. Esse que é o agir! Não é um compreender que fica comigo como uma interpretação teórica da minha vida. Vocês já viram quanta gente que faz um monte de terapia, que sabe explicar tudo, mas, existencialmente, não muda nada? Agora, quando você tem uma efetiva compreensão real da sua existência, do sentido que ela tem, quando você destrincha essa história, o que acontece? Você não precisa nem se planejar; você começa a alterar, que é isso que importa: *que a compreensão sirva à ação*. Em síntese, esse é o escopo do nosso trabalho, de como a Hannah Arendt o influencia e o que se pretende, pelo menos como observação.

**Everaldo Mendes:** Dra. Dulce Critelli, no escrito intitulado “História pessoal e sentido da vida — historiobiografia”, lê-se “sentido da vida” — e não “sentido da existência”. Por gentileza, tu poderias discorrer sobre a opção preferencial pelo termo “sentido da vida”?

**Dulce Critelli:** Fiquei pensando, Everaldo... Porque você não usa... A palavra “existência” é muito pomposa! E, às vezes, é muito mais difícil de traduzir, embora o livro seja endereçado às pessoas que, talvez, essa palavra seja mais significativa. Mas é a história de vida mesmo, no sentido do vivido. Penso que “existência” é um termo muito amplo — e eu queria trazer mais para o particular, para o pessoal. Então, eu usei essa expressão, meio... no sentido de dizer assim: é de você, é de mim que eu estou falando. Não é do homem em geral. Mas..., é mais por aí. E eu queria marcar isso, essa relação, essa palavrinha que vem no título do livro: “História pessoal e sentido da vida — historiobiografia”. Quer dizer, ali..., na palavrinha, é a tentativa de perceber que há uma... um jeito, um método, digamos assim, uma compreensão menos circunstancial, mas mais sistematizada dessa personalização dos acontecimentos. O nome que eu inventei, para simplesmente..., porque eu acho que eu não estou seguindo nem Hannah Arendt, perfeitamente, nem Heidegger, nem Sócrates, que eu citei aqui. Eles são inspiradores! Na verdade, você não encontrará neles essa organização. Então, só para diferenciar... e me salvar um pouco, para dizer assim: olha, eu estou com essa pretensão de tornar o pensamento de Hannah Arendt um pensamento voltado à atividade terapêutica. Mas é o vivido, não é, Everaldo? Eu acho que foi... e é história mesmo, neste sentido que estamos dizendo, que tem feitos, fatos e narrativas. Essa... essa é a matéria, os fios, do que a gente pode chamar de uma história pessoal.

**Everaldo Mendes:** No vosso itinerário acadêmico-intelectual, percebi uma transição de Martin Heidegger a Hannah Arendt, do pensar ao agir. Tem sentido?

**Dulce Critelli:** Muito sentido! Muito sentido! Muito sentido! Porque o meu início não foi Hannah Arendt. Meu início de interpretação, conhecimento... e até de atividade terapêutica foi através do pensamento heideggeriano. Então, o *Dasein*, que eu nem gosto de usar tanto essa palavra, porque parece um... um rótulo; ele não é traduzível! Mas..., foi isso mesmo! É que quando eu comecei a fazer a leitura de Hannah Arendt, eu... eu olhava para ela e dizia assim: isso não é Hannah Arendt! É Heidegger! Com o tempo eu fui entendendo que havia uma separação imensa entre Hannah Arendt e Heidegger, apesar da imensa também proximidade entre os dois. Mas ela o transforma, nas suas relações! Por exemplo, nisso que a gente estava falando, antes, com a Luciana, as próprias condições humanas, trazidas, enumeradas, delimitadas por Arendt, elas são uma reformulação dos existenciários heideggerianos, que lá em “Ser e tempo”: o ser-no-mundo, o ser-com o outro, a finitude, a historicidade, a temporalidade... São modificações. E tanto que ela faz, já de começo — o que eu fui entendendo ao logo do tempo — uma diferenciação: Heidegger fala de estruturas de possibilidades, ele nomeia esse ser-no-mundo, ser-com outros, como existenciários. Não são categorias, mas são constituintes. Hannah Arendt chama essas sete condições — terra, vida biológica, mundanidade, pluralidade, natalidade, mortalidade e condicionamento — de condições. Elas não são do *ser-aí*, do *Dasein*. Elas são do próprio existir, da própria existência. Então, a Terra, como uma das condições, o planeta Terra, ele não é uma coisa que me pertence. Ele está aí fora. Mudaria, se eu estivesse num outro planeta. Mas são condições. Condições são contratos. Não são estruturas. Já nessa palavra se contam duas histórias diferentes; se você for olhar para a palavra “estrutura” e se você for olhar para a palavra “condição”. Então, penso que isso tem a ver com essa história, mas foi isso! E eu fui entendendo... Hannah Arendt dá um pouco mais de corpo para o pensamento heideggeriano, mas também o transforma; ela vai para outros lugares. Quer ver, já que você me provocou, Everaldo? Mas tem uma outra coisa que eu acho muito distinta: apesar de num segundo momento do seu pensamento Heidegger não tratar mais dessa questão da autenticação da vida, da existência, da apropriação da existência, dessa preocupação com isso, essa apropriação que eu vejo em “Ser e tempo” — posso até estar errada — é uma apropriação de uma decisão. Então, o homem apropriar-se-ia de si se recolhendo, retirando-se dessa perdição que ele tem no cotidiano, no mundo, junto com os outros. No caso de Hannah Arendt, não é disso que ela está falando! Ela está dizendo isso que a gente já comentou: eu não posso me resgatar dos outros para me apropriar de quem só eu posso ser, porque se eu sou entre o outro e eu e os meus atos e minhas falas, o meu eu está para além de mim. Eu nunca me apropriarei de mim! E quem eu sou é esse terceiro aí! Não sou quem eu penso! Não sou quem eu desejo!

Não sou a minha intenção! É claro que eu tenho a minha intenção também, mas eu estou embrulhada, emaranhada. E esse emaranhamento não me desconstitui, não desconstrói; ele me constrói. Faz um serviço contrário! Quando eu entendi isso... É... eu ainda recorro muito... Acho que o pensamento de Heidegger é fundamental para a nossa época. Ele, realmente, conseguiu — apesar de todo hermetismo do seu pensamento — introduzir na nossa história, no século passado, uma nova perspectiva para o pensamento, para a filosofia, para a percepção do humano, perfeito! Mas, penso que ele ainda tropeça nessa história, sobretudo porque o interesse dele é o pensar. Hannah Arendt tem outro interesse: *o agir* — que é isso que nós estamos falando o tempo todo, mas do qual eu nunca me apropriei, porque eu sou sempre coautora em tudo. Eu nunca posso me retirar dessa situação. Não tem um momento da vida em que eu possa escapar dessa situação. Estou sempre nela! E é esse emaranhado que precisa ser compreendido: esse outro que eu sou, independentemente do que eu penso que eu sou, do que eu quis ser, mas que promove um acontecimento do qual o outro também tem uma percepção. Então, você viu certo! Que dizer: há um caminho. Há um desprendimento. Eu comecei com Heidegger; ele ainda está presente. Não posso descartá-lo. Mas, eu acho que tem uma afinação minha maior com o pensamento de Hannah Arendt. Muito propício, para a gente se constituir, que são essas questões! Nesse emaranhado, tudo..., que eu estava tentando dizer antes; essa história que eu vou formulando para mim, sem perceber, mas que vai me construindo como uma personagem; ela está me iluminando o tempo inteiro. E essa história foi feita a quantas mãos? Foi tecida por quantas agulhas e por quantos dedos? Quantos sócios eu não tenho em mim mesma para ser quem eu sou? E é esse embrulho, digamos assim, esse envelamento, que fica aqui para ser compreendido. Neste caso, Hannah Arendt nem fala de apropriação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CRITELLI, D. M. *Se eu tivesse nascido pronta, não teria conserto*. Curitiba: CRV, 2020.

\_\_\_\_\_. *História pessoal e sentido da vida: historiografia*. São Paulo: EDUC; FAPESP, 2016.

\_\_\_\_\_. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Parte I. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: USF, 2002.

\_\_\_\_\_. HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: USF, 2002.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. 3. ed. São Paulo: 34, 2014.

MENDES, E. S. *Estado, pessoa e comunidade: análise antropológica, filosófica e psicológica em Edith Stein — confronto e integração com Ignacio Martín-Baró*. 216 f. Tese [Doutorado em Psicologia]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

\_\_\_\_\_. *As lágrimas de Odisseu: análise historiobiográfica em Dulce Critelli*. Coimbra: Doutoramento em Estudos Clássicos (Mundo Antigo), 2025.

\_\_\_\_\_. *O Ato da Einfühlung em Edith Stein: análise das cenas de reconhecimento de Odisseu*. Coimbra: Doutoramento em Estudos Clássicos (Mundo Antigo), 2025.